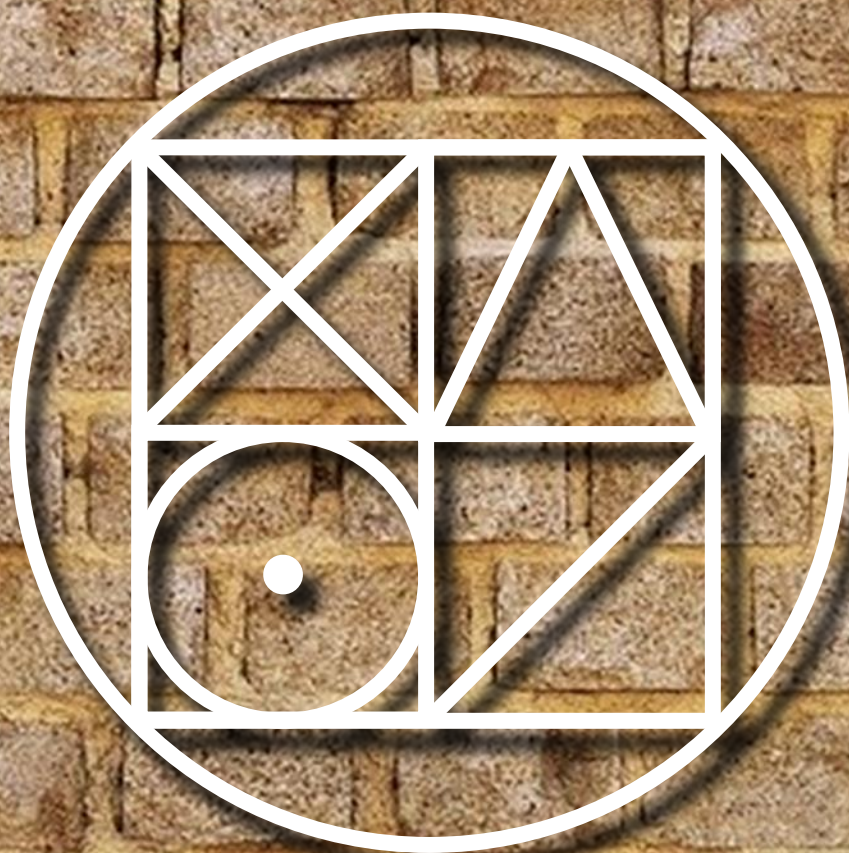




Projeto Xaoz

Babilônia

novembro de 2019

Babilônia

Próximo a 2.000 Antes de Cristo, a Babilônia já se estendia por regiões consideráveis, que viriam a se expandir ainda mais nos próximos anos. Este império já havia tomado a Suméria e a Acádia, e tinha domínio sobre regiões pontuais da Assíria.

Esta dinâmica de conquistas tornou as mitologias destes povos extremamente relacionada, e hoje não é mais possível saber quais os mitos específicos de cada local, uma vez que as mesmas estruturas narrativas são aplicadas a diferentes personagens, com variações dependendo da versão. Estas mitologias influenciaram também o surgimento dos Mitos Hebraico-Cristãos que hoje se encontram compilados na Bíblia.

Fonte: Encyclopedia Britannica

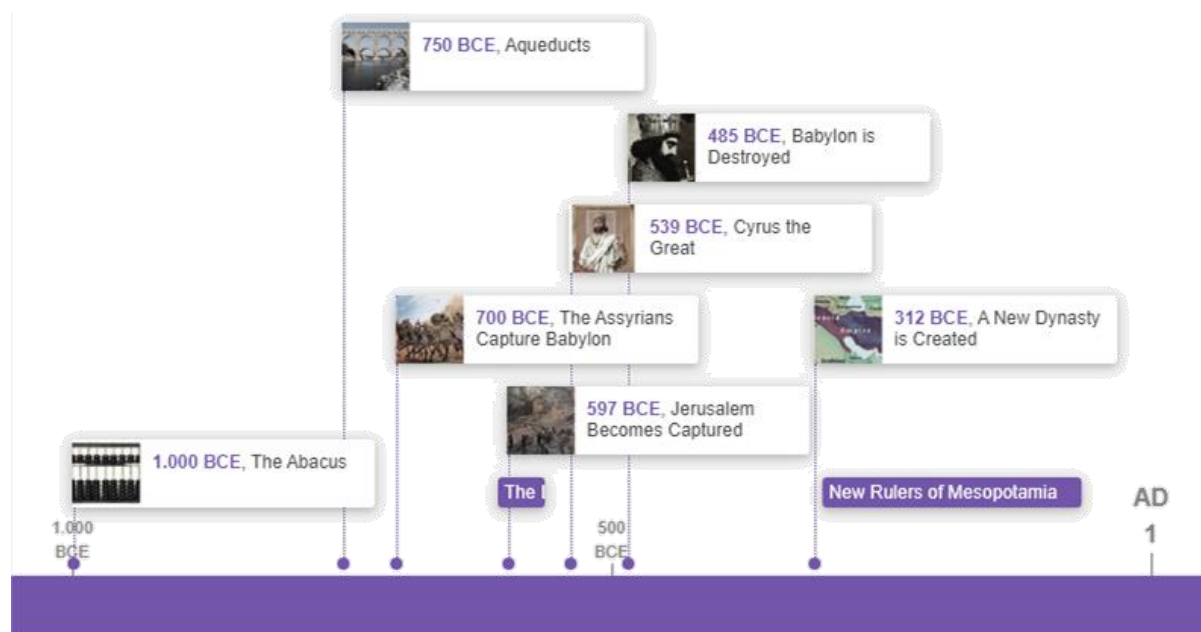


Ascensão e Declínio da Babilônia

De 2.000 a 485 Antes de Cristo, o império da Babilônia passou por altos e baixos. Se estabeleceu nas regiões férteis do Oriente Médio, foi regida por um Rei que diz-se ter vindo da Mesopotâmia, foi controlada pelos Amoritas, foi invadida e saqueada pelos Hititas, foi reerguida, foi invadida pelos Assírios, tomada pelos Aquemênidas, se tornou cativo dos Judeus. Finalmente foi destruída próximo ao início do império Persa, nos anos 485 AC.

Neste império, paralelamente a tais processos históricos, foram inventados alguns conceitos fundamentais nos dias atuais, como o código de leis escritas iniciado por Hamurabi, o Ábaco para auxiliar no comércio e os Aquedutos que permitiram o crescimento da agricultura.

Fonte: <https://www.timetoast.com/timelines/the-history-of-babylon-timeline>

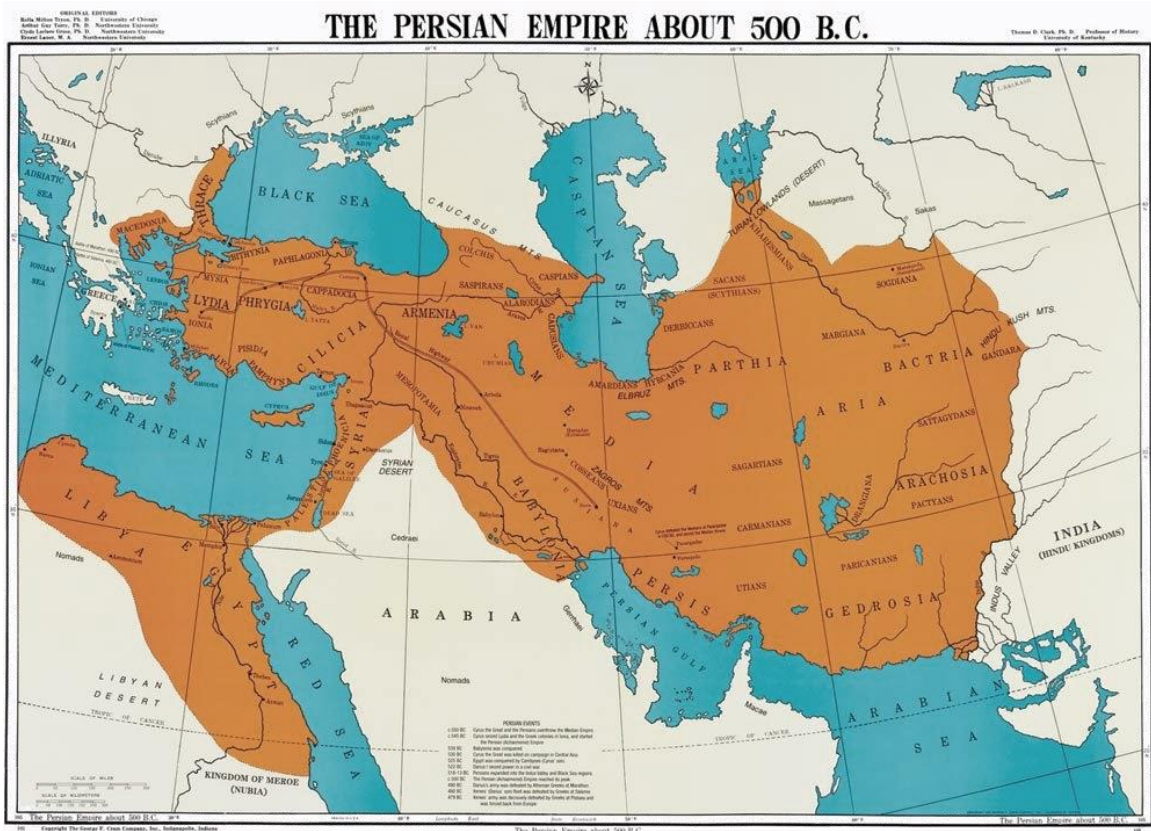


O Império Persa

Em cerca de 500 Antes de Cristo, o império Persa havia estendido sua influência para as regiões antes conhecidas como Babilônia, Capadócia, Frígia, Líbia, Trácia, entre outros locais. Isto gerou extrema mescla entre as correntes espirituais, e as mitologias adquiriram novas roupagens, assim como novos personagens passaram a viver os mesmos mitos.

Aos poucos, o politeísmo deu lugar ao reinado de uma entidade principal (Ahura Mazda) que comandava todos os outros deuses na forma de anjos (Fravashis), e cujo inimigo (Ahriman) enviava suas forças demoníacas para combater. O Zoroastrismo veio a moldar grande parte do entendimento sobre anjos e demônios que prevalece nos dias de hoje.

Fonte: <https://www.tes.com/lessons/urxdxuBUo7kS4g/persia-and-the-persian-wars-r16-17>



Tiamat, Apsu e Marduk

No início, era o Caos. As águas salgadas Tiamat ("serpente do mar") e as águas doces Apsu ("o abismo") eram as únicas entidades existentes. Sua mistura deu origem aos primeiros deuses, liderados por Enki (ou Ea). Apsu viu que os deuses eram muito poderosos e que eles estavam criando nomes para as coisas, o que fazia as coisas passarem a existir. Então, Apsu planejou matar os deuses.

Enki descobriu os planos, e matou o pai, usando o corpo do grande dragão para construir um templo feito de águas. Tiamat descobriu que seu marido havia sido morto, e criou um exército de dragões liderados por Kingu. Deu a seu primogênito a Tábua dos destinos, formada por 12 tabuletas que descreviam o passado e o futuro de Tudo.

Enki soube disso e logo tratou de ter um poderoso filho com sua esposa Damkina, para que pudesse derrotar Tiamat. Este filho se chamava Marduk (ou Merodach). Os deuses ajudaram Marduk e ele conseguiu derrotar Tiamat, cortando seu corpo e formando os céus e a terra. Matando Kingu, usou o sangue do dragão para produzir os humanos.

Os olhos da dragonesa se tornaram o Tigres e o Eufrates, e a Mesopotâmia ("entre rios") foi formada. Ali naquele local, Marduk ergueu a Babilônia ("portão dos deuses"), que seria uma cidade de chegada para os deuses, onde eles poderiam aportar quando quisessem vir para a Terra. Desde então, o triunfo de Marduk sobre o Caos é comemorado, no festival de Akitu, o ano novo, em março/abril.

Imagem: Tiamat sendo morta em tábua Assíria de 800 AC.



Utnapishtim

Enlil, deus do Ar e irmão de Enki e Ereshkigal, planejou destruir a humanidade enviando uma grande chuva que mataria a todos afogados.

Enki, deus das águas, queria que a humanidade pudesse se reerguer, e por isso ensinou a Utnapishtim como fazer um barco cúbico com 55 metros de lado, para que ele e a esposa pudessem repovoar o mundo. Os dois humanos encheram o barco com todo o tipo de sementes e de animais, e a bordo dele sobreviveram pelos 7 dias e 7 noites de dilúvio.

Quando as águas baixaram, a arca se firmou no alto do monte Nimush ou Pir Omar Gudrun, no Curdistão. Lá, Utnapishtim liberou uma andorinha, uma pomba e um corvo, e ao ver que não retornaram soube que o dilúvio tinha passado. Por salvar a humanidade, ele recebeu a imortalidade, e o céu recebeu um arco-íris para simbolizar a aliança entre deuses e homens.

* este mito tem semelhança com o de Noé, o de Deucalião e Pirra, e o de Ziusudra, além do Ragnarok e mitos brasileiros como o da sereia Yara.

Imagem: escultura de utnapishtim e a esposa, 2.600 AC.



Inanna

Chamada assim na Suméria e Babilônia, está associada à Ishtar dos Mesopotâmicos, Istar dos Acádios, Astarte dos Cananeus, Asterote dos Filisteus, possivelmente influenciando Afrodite e Ísis em seus aspectos simbólicos. Sua iconografia é muitas vezes mesclada à de Ereshkigal, deusa Ctônia que enfrentou nos mitos.

Seus mitos são conhecidos em grande medida pelos 42 hinos compostos pela mais famosa sacerdotisa da antiguidade, Enheduana.

O mito mais famoso e complexo de Inanna é o de sua descida ao submundo para salvar o esposo Dummuq que foi raptado por Ereshkigal. Porém, há mitos em que escolhe entre o amor de Dummuq e Enkidu (pastor e agricultor, respectivamente), e sua contraparte Ishtar está profundamente envolvida na Epopeia de Gilgamesh.

Por vezes é associada a Vênus, e por vezes à constelação de Virgem, sendo irmã do Sol e/ou filha da Lua. É representada andando montada sobre bestas, com uma coroa cônica, e segurando duas fitas métricas para medir os limites de seu reino (posteriormente transformadas em anéis de proteção na simbologia).



Trindade dos Anunnaki

Os principais Dingir (deuses) do grupo dos Anunnaki (aqueles que vieram dos céus) nos mitos Mesopotâmicos eram Enlil (deus do ar), Enki (deus da água) e Ereshkigal (deusa da terra).

Assim como na divisão grega entre Zeus, Poseidon e Hades, estes três reinos formariam o mundo em que vivemos, e foram partilhados entre as 3 divindades após a morte dos monstros primordiais (Apsu, Tiamat e Kingu).

Como a Babilônia era um portal, estes deuses podiam ir e vir quando quisessem, aportando na cidade e ensinando aos humanos algumas tecnologias que influenciariam os rumos da civilização. Elementos de agricultura, pecuária, irrigação, guerra, curas e magia estariam entre estes conhecimentos.

Imagem: Enlil, Ereshkigal e Enki.



Utukku

Anu e Ki (ou An e Antu) eram dois deuses primordiais que deram origem aos Anunnaki. Um de seus filhos, Enlil (deus do Ar) entrou no meio dos pais e interrompeu seu coito. Do coito interrompido, nasceram diversos semideuses ou daemons chamados Utukku ou Udug.

Estes semideuses eram bons e maus, considerando-se que o gêmeo bom teria o poder de combater o gêmeo mau. Também eram inscritas algumas tabuletas para proteção contra os Utukku, chamadas Utukku Lemnutu. As tabuletas mais famosas são um conjunto de 16, datando dos anos 1500-1000 AC.

* Os Utukku foram reinterpretados como dragões na vertente mágica de Asenath Mason: <https://medium.com/@projetoXaoz/tiamat-f0a39dfb27d5>



Gilgamesh e Enkidu

Gilgamesh, o quinto Rei de Uruk, era um bom rei, porém tinha condutas um pouco arrogantes e impositivas sobre seu povo, além de ser um predador sexual. Passava o dia medindo os limites de seus reinos e a altura de seus muros, tentando sempre conquistar novos reinos e novas mulheres.

Os deuses viam a conduta do Rei Sumério e não a aprovavam. Foi então que Anu pediu a Arura (deusa da criação de seres a partir do barro) que criasse alguém que pudesse subjugar e apaziguar a personalidade de Gilgamesh. Ela criou Enkidu, um animal selvagem que vivia nos pastos do lado de fora da cidade. Após ter relações sexuais com uma prostituta, Enkidu foi humanizado, adquirindo caráter civilizado e podendo então viver na cidade.

A mãe de Gilgamesh sonhou que o filho encontraria um rival que seria capaz de o igualar em combate, e no dia seguinte Gilgamesh encontrou Enkidu. Os dois lutaram, e embora Gilgamesh tenha vencido ele reconheceu a força de Enkidu. Os dois passaram a andar sempre juntos*, o que fez Gilgamesh se tornar um Rei mais justo. Juntos derrotaram o demônio Humbaba e cortaram os cedros da floresta que ele protegia, construindo uma balsa e levando a madeira para Uruk.

* A submissão sexual como ferramenta de domínio (principalmente em relação a inimigos ou prisioneiros) é citada em mitologias de diversos povos. É uma das práticas de combate possivelmente realizadas entre homens em Sodoma, que foi amplamente confundida com a homossexualidade no sentido amoroso e levou o nome único de "Sodomia".

A relação de Enkidu e Gilgamesh também tem similaridade com a dos Imperadores e seus Efebos em Roma.

Imagem: Gilgamesh e Enkidu derrotando o Touro de Ishtar



O Touro de Ishtar

Ishtar viu os dotes de combate de Gilgamesh e se apaixonou por ele, mas ao se declarar foi dispensada pelo Rei (em uma versão, Gilgamesh ainda lembrava do destino de Dumuzid, que Ishtar deixara no Submundo; em outra, a tristeza pela morte do Touro é que leva Ishtar ao submundo).

Ishtar pediu a Anu que lhe emprestasse a constelação de Touro para que ela se vingasse. O Deus disse que isso levaria 7 anos de escassez a Uruk, mas a deusa insistiu e conseguiu o que queria. O Touro chegou até a cidade abrindo rachaduras no chão, que mataram muitas pessoas. Após batalhar por algum tempo, Gilgamesh e Enkidu derrotaram o Touro e jogaram uma de suas pernas em Ishtar.

Eles sacrificaram o coração do touro a Shamash, que intercedeu por eles no tribunal celeste, conseguindo fazer com que apenas Enkidu fosse condenado à morte para pagar pela vida do Touro.

Após a morte do parceiro, Gilgamesh peregrinou pelo mundo buscando a imortalidade. Perguntou a Utnapishtim mas este lhe disse que somente conseguiria tal dádiva caso houvesse um novo dilúvio (como ele próprio conseguira).

Conseguiu colher uma flor no fundo do lago com poderes de imortalidade, mas uma cobra roubou a flor de suas mãos. Por fim, Gilgamesh aceitou a própria mortalidade e apenas se dedicou em ser um bom Rei.

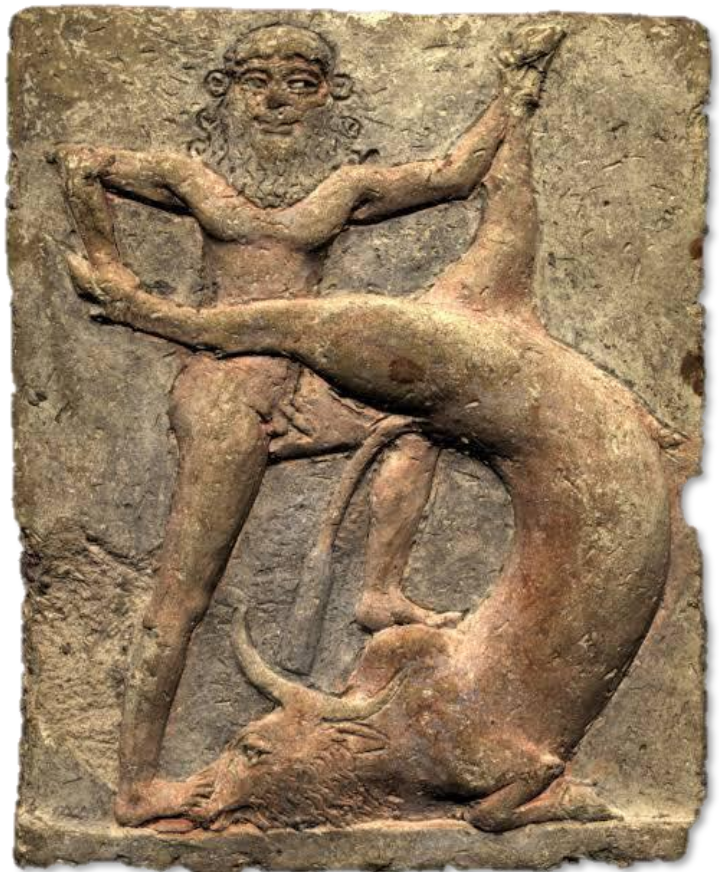


Imagem: Gilgamesh derrotando o Touro

A Descida de Inanna

Inanna ou Ishtar enviaram o touro Gugalanna (a constelação de Touro) para tentar destruir Gilgamesh, mas o herói conseguiu matá-lo. O touro era marido de sua irmã Ereshkigal, e por isso Inanna desceu ao submundo para chorar a morte junto a ela. Alguns dizem, porém, que Inanna pretendia se aproveitar do luto da irmã para estender seus domínios ao submundo.

Para se proteger no Reino de Kur-u (submundo, o inverso de Uruk), Inanna vestiu 7 equipamentos divinos:

- turbante protetor para a cabeça
- colar de contas de lapis lazuli
- duas voltas de contas ovas no peito
- vestido claro e diáfano
- peitoral sobre o busto
- anel de ouro
- maquiagem para atração fatal

Também carregava nas mãos:

- haste de lapis lazuli
- fita métrica para medir seu reino

Ereshkigal, porém, já previa a chegada da irmã, e trancou sete portões em seu Reino. Para passar por cada um, Inanna precisou se livrar de um de seus equipamentos*. Enquanto estava no submundo, a fertilidade deixou os campos e a humanidade passou por uma seca, causando também confusão nos céus.

* A descida de Inanna é rememorada nos ritos de descida qliphótica com as 7 primeiras Qlipha.

Leia sobre a descida

Qliphótica em:

<https://medium.com/@projeto-oxaoz/sephiroth-qliphoth-15c819d3c81b>

Imagem: Ishtar com seus 7 instrumentos de poder



Aprisionamento de Inanna

Quando chegou ao trono de Ereshkigal e o encontrou vazio, Inanna se sentou nele, demonstrando que poderia desejar obter o domínio sobre o submundo Kur-u. Os sete juízes do além, Anuna, viram aquilo, e declararam que Inanna estava sendo arrogante, reprimindo veementemente sua conduta. Transformaram ela em um corpo seco e a penduraram em um gancho no teto.

Os deuses perceberam que Inanna estava demorando no submundo (ou foram avisados pelo criado de Inanna, Ninshubur), viram que a Terra estava infértil, e decidiram agir. Enki criou dois espectros, Gala-tura e Kur-jara, para ir até o submundo resgatar a deusa. No caminho, os espectros foram tentados com presentes, entre rios cristalinos e campos de grãos. Mas eles não aceitaram, e seguiram em frente.

Eles tiraram Inanna do gancho. Gala-tura passou um preparado de plantas em Inanna para regenerar seu organismo, e Kur-jara salpicou sobre ela a água da vida, para que recuperasse a saúde. Quando estavam deixando o submundo, os Anuna viram o que faziam e disseram: "se vão levar uma vida, terão que deixar outra em seu lugar".

Os Anuna enviaram então um bando de demônios seguindo Inanna e seus espectros, para que os demônios pudessem trazer de volta ao submundo a pessoa que Inanna indicasse.

Imagem: Inanna como pessoa não binária (assim como eram as pessoas de seu sacerdócio) em escultura de Eshnunna, 2.000 AC



Ascensão de Inanna

Inanna retornou do submundo seguida por demônios e procurou quem pudesse ser enviado para ficar no lugar dela. Passou pelo criado, mas como ele lhe ajudara decidiu não escolhê-lo. Passou por diversos familiares, mas nenhum merecia aquele destino.

Foi quando chegou a uma macieira, sob a qual descansava seu marido Dummuzid (deus do pastoreio e da fertilidade). Ele estava bem vestido e sentado em seu trono, parecendo não se importar com a quase morte da esposa. Inanna ficou furiosa e o entregou aos demônios.

Dummuzid pediu ao deus-Sol Utu que o transformasse em uma cobra, mas mesmo assim não conseguiu fugir dos demônios. Conseguiu, porém, negociar com eles para que sua irmã Geshtinanna (deusa dos sonhos e do vinho) ficasse em seu lugar por 6 meses a cada ano.

Desde então, a Terra passou a ser fértil na Mesopotâmia por metade do ano, sendo infértil na outra metade, quando o vinho - que causa sonhos proféticos - pode ser elaborado.

Imagem: Enki com a água da vida fluindo de seu corpo, conversando com Dummuzid seguido por demônios.



Nimrod

Na Bíblia, em Gênesis 10, lê-se que após o dilúvio Noé deu origem a algumas linhagens de humanos. Uma delas gerou Nimrod, poderoso Rei e o primeiro grande imperador que reinou sobre a Terra pós-diluviana.

Ele reinou na terra de Sennar (possivelmente traduzido "dois rios", ou seja, a própria Mesopotâmia). Diz-se que seu reino era composto por Babel (Babilônia), Arac, Acad (Acádia) e Calane. De suas terras saiu Assur (possivelmente Ashur, posteriormente associado a Ahura Mazda) e fundou Nínive e Cale (futura capital da Assíria), entre outras cidades.

Nimrod era um grande guerreiro e caçador, e também dominava as artes da agricultura e pecuária. Embora não se saiba muito sobre sua figura histórica, este Rei foi divinizado como o deus-fundador dos impérios Mesopotâmicos e muitos locais receberam nomes associados a ele, sendo seu nome encontrado em diversos achados arqueológicos.

Sabendo sobre o dilúvio passado e desejando impedir que tal destruição se repetisse no futuro, Nimrod começou a construir na Babilônia uma Torre alta o bastante para abrigar os homens a salvo de uma nova inundação, e resistente o bastante para não ser destruída no processo. A Torre de Babel era um projeto ambicioso, mas foi vista pelos Deuses como um disparate dos humanos.



Torre de Babel

Babilônia era, antes do dilúvio, o portal dos deuses, e após o dilúvio foi reconhecido como o melhor lugar para construir uma torre que fosse até os céus. Os humanos formavam um só povo e falavam todos a mesma língua, o que facilitava o trabalho.

Os Deuses viram aquela tentativa dos humanos de se igualar a eles e resolveram punir sua arrogância. Dividiram os homens em diferentes povos, falando diferentes línguas. Isso impossibilitou a conclusão da Torre, e os desentendimentos foram tantos que os humanos se dispersaram pelo mundo, fundando outros povos.

Em alguns tratados de Demonologia, indica-se que o demônio responsável por causar esta confusão foi o Rei Curson, Purson ou Prufas, que vivia na região onde a torre foi construída.

Em tratados de Cabala, indica-se que 72 anjos ficaram responsáveis por guiar cada um dos 72 patriarcas, para que eles formassem 72 novos povos falando 72 novos idiomas.

Imagem: pintura de Peter Bruegel



Ahura Mazda

Já no final do império Babilônico, com o estabelecimento do império Persa, diversas divindades benéficas foram unidas em uma só, Ahura Mazda (representando a luz). Ele e seu irmão Ahriman (representando a escuridão) eram filhos de Zurvan, o Deus Primordial do Tempo.

Ahura criou um ser chamado Gayomard, que reinou até ser destruído por Ahriman e morreu, gerando a partir de seu corpo dois pés da planta Ruibarbo. As plantas viraram dois humanos, Mashya e Mashyoi, que tinham livre arbítrio e povoaram o planeta, inventando tecnologias e cultivando plantas, além de domesticar animais.

No Zoroastrismo, o reino da escuridão mimetizava o da luz, e as forças dos dois reinos sempre se balanceavam e combatiam, do início do mundo até o seu final. Os Fravashis eram "anjos" que batalhavam contra os "demônios" enviados por Ahriman, até que um salvador surgisse no futuro para ajudar Ahura a destruir de vez o reino de Ahriman.

Imagem: Ahura Mazda em Yazd no Irã (circa 600 AC) incorporando o círculo dourado de Ashur, da Assíria



Lilith

Lil é o espírito feminino do vento, e Lilitu a versão Babilônia de Lammashutu, espírito com cabeça de cachorro devorador de recém-nascidos. Sua iconografia se confunde em alguns pontos com a de Inanna e Ishtar enquanto deusas aladas que montam bestas.

Na mitologia judaico-cristã, ambas são sincretizadas em Lilith, que teria sido a primeira esposa de Adão, criada a partir do barro como ele. Recusou-se a deitar por baixo do esposo, sendo então expulsa do Éden e condenada a ter metade de seus filhos mortos a cada dia. Relatos mais recentes de romances medievais e de vertentes Qliphóticas narram sua peregrinação até encontrar Samael, com quem cria um reino de demônios.

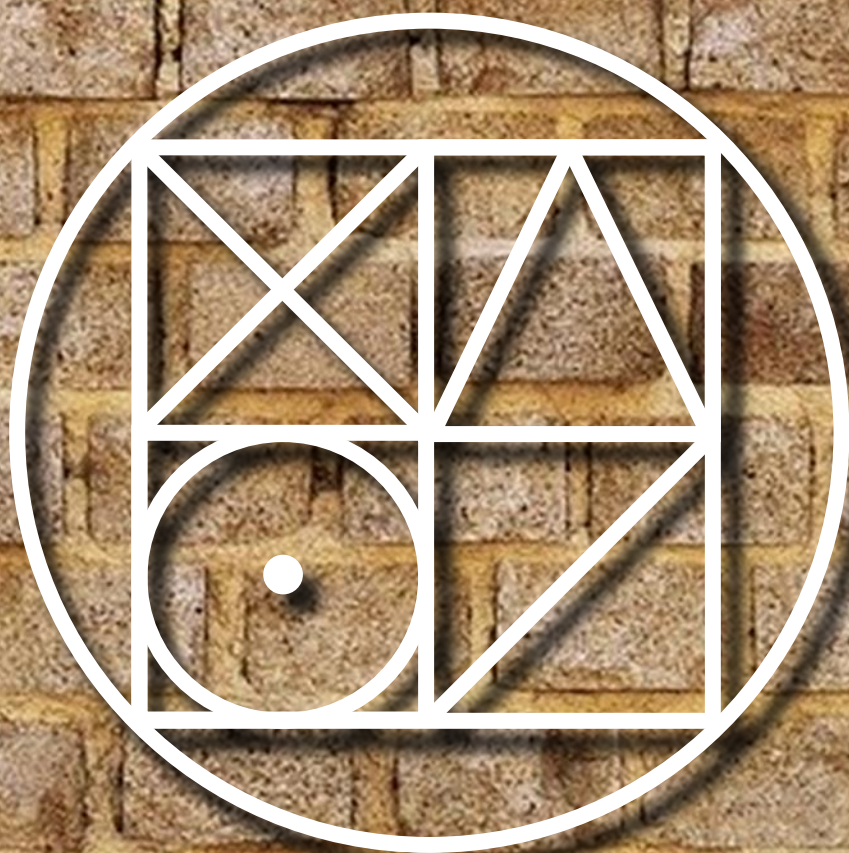
Na Bíblia, em Isaías 34, lê-se sobre Edom que "as feras do deserto se encontrarão com hienas; e o sátiro clamará ao seu companheiro; e Lilite pousará ali, e achará lugar de repouso para si".

Já no Ben Sirach, capítulo 78, lemos que "Deus criou uma mulher para [Adão], da terra como ele, e a chamou de Lilith. Eles prontamente começaram a discutir um com o outro. Ela disse: "Eu não vou me deitar embaixo de você" (...) e foi embora voando pelo ar".

Em Gênesis, vemos que Deus cria uma mulher da costela de Adão, e diz-se que aquela sim seria uma mulher adequada. Como no início dos tempos Deus criou "o homem e a mulher à sua imagem", entende-se que pode ter ocorrido um apagamento da primeira mulher, a que não era adequada, que seria Lilith.



Imagem: Lilith por naeloj em Deviantart



Projeto Xaoz

* não foi possível localizar a autoria da maioria das imagens devido a se tratarem de pinturas e entalhes milenares; imagens com fontes conhecidas possuem descrição próxima à própria imagem.